

O Coelho crioulista

ERNESTO D' ANDRADE
(Universidade de Lisboa - CLUL)

ALAIN KIHM
(CNRS)

"Nada mais aflitivo para quem pensa e estuda a sério do que as duas coisas seguintes: reconhecer que não o entendem, ou ver que estão exactamente de acordo com ele".

Que dizer sobre Adolfo Coelho (1847-1919) que não seja já sobejamente conhecido? Sabemos através de trabalhos, alguns deles antigos, que foi o primeiro a aplicar e a ensinar em Portugal a Gramática Histórica Comparada desenvolvida na Alemanha. Por esta razão é geralmente considerado como o primeiro linguista português, no sentido moderno da palavra. Entre os seus escritos, a *Língua Portuguesa* (1881:19), por exemplo, certamente escrita nos seus verdes anos, contém observações ainda hoje interessantes sobre a natureza da linguagem, em particular sobre a relação entre a sintaxe e a semântica, como o mostra a seguinte citação:

A gramática não é lógica. O que é grammaticalmente exacto póde ser logicamente falso e vice-versa. A proposição: *O círculo é uma figura ponteaguda tendo todos os pontos equidistantes d'um ponto central, que fica da parte de fóra* é grammaticalmente correcta e logicamente absurda. O brasileiro que diz *tres homem*, o inglez que fallando portuguez diz *bom mulher* podem ser logicamente exactos, sendo grammaticalmente incorrectos.

Lembremos que, no nosso campo, o outro grande nome do fim do séc. XIX e princípios do séc. XX, Leite de Vasconcelos, deveu, em boa parte, a sua vocação à influência dos escritos de Adolfo Coelho¹.

Apesar disso, Adolfo Coelho nunca foi considerado como uma figura central da história da Linguística em Portugal. Existe, deste ponto de vista, uma afinidade, que não deixa de ser estranha, entre ele e Hugo Schuchardt, um dos primeiros a reconhecer a importância dos seus estudos no estrangeiro. Com efeito, os dois tinham em comum um carácter algo marginal: Adolfo Coelho

pelo seu autodidactismo² e um e outro pela singularidade da sua posição relativamente à instituição universitária. Ainda que por razões diferentes, esta aproximação entre o Português e o Alemão tornado Austríaco já foi feita por Paiva Boléo (1947:687), para quem “Se quisesse resumir numa comparação a personalidade de Adolfo Coelho e a feição geral da sua obra, diria que ela faz lembrar, de longe, a de Hugo Schuchardt.”

Algumas das ideias de Coelho estão bem expostas num certo número de trabalhos de entre os quais citamos Correia (1933), Boléo (1947), Nemésio (1948), Paxeco (1948) e Veloso (1948).

Quanto a nós, vamos consagrar este pequeno estudo a um aspecto da obra de Adolfo Coelho que tem passado relativamente silenciado, nomeadamente, a sua contribuição para os estudos crioulos³.

Se naquela época o interesse pelos “dialectos” das grandes línguas europeias era normal, era-o muito menos dedicar um estudo longo e pormenorizado aos “dialectos crioulos” (Coelho, 1880).

Para ilustrar o interesse reduzido atribuído aos trabalhos crioulistas de Adolfo Coelho, podemos assinalar que no número especial da *Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa* (1948), inteiramente consagrado ao nosso autor por ocasião do centenário do seu nascimento, esses trabalhos só são citados duas vezes: na contribuição de Queiroz Veloso que assinala a existência de um “curioso artigo, *Os dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América*”, e a propósito da colaboração de Adolfo Coelho na Sociedade de Geografia. Para além disso, neste último artigo, o trabalho de Adolfo Coelho não é considerado do ponto de vista do seu interesse científico, mas sim como uma contribuição para a política colonial da época⁴.

No número da revista *Biblos* (1947), quase exclusivamente dedicado a Adolfo Coelho, Paiva Boléo (1947:686) informa que “os trabalhos linguísticos de Adolfo Coelho deixaram, na sua maioria, de ter actualidade. E se alguns ainda mantêm interesse, é justamente porque aliam a reunião paciente de factos à interpretação pessoal. Estão neste caso a obra *Os ciganos*, 1892, (...) e, em menor escala, visto não se basear em observações directas, *Os dialectos românicos (crioulos)*, 1880”.

Este interesse tão reduzido, que se assemelha ao desprezo, é, digamo-lo, perfeitamente injusto. Tanto mais que, se existe um aspecto da obra de Adolfo Coelho que mantém uma verdadeira actualidade, são os seus estudos crioulos.

Sabe-se que a crioulistica se fundou e continua a justificar a sua existência a partir do problema da origem destas línguas, em si estruturalmente banais, isto é, sem particularidades estruturais excepcionais. Toda a gente (ou quase) está de acordo sobre um ponto: os crioulos são profundamente diferentes, ao nível morfo-sintáctico e semântico, das línguas de que herdaram o vocabulário (Português, Francês, Inglês, etc.). O desacordo começa quando se trata de explicar o processo através do qual esta divergência se instalou.

Ainda que simplificando, podemos ordenar o debate em torno de duas teorias concorrentes. Por um lado, há os que consideram que a divergência é devida, no essencial, à interferência das línguas maternas faladas pelos futuros falantes de crioulo - numa palavra do substrato - através de um processo dito de

"relexificação". Segundo esta hipótese, os agentes da crioulição foram os adultos, levados como escravos ou submetidos a uma lei estrangeira (cf. Lefebvre, 1986). Ao contrário, a outra teoria atribui um papel decisivo às crianças nascidas em condições de escravatura de plantação que, privadas de uma verdadeira língua materna, devido ao desenraizamento, tiveram que criar uma nova língua, o crioulo, a partir do léxico da língua dos mestres, não no sentido pedagógico, e da sua competência gramatical inata (daí o nome de *Language Bioprogram Hypothesis* ou *LBH*. Cf., entre outros, Bickerton, 1984).

Não é aqui que vamos comparar os méritos respectivos de cada uma destas concepções que há anos se confrontam em múltiplos colóquios e numerosos livros e artigos. O que aqui nos interessa é notar que, como tantas outras coisas, essas duas concepções são em grande medida a tradução em linguagem moderna de correntes de pensamento cujas raízes se encontram, neste caso, no século passado. Isso é evidente para a teoria do substrato, cuja noção data dessa época e que foi aplicada, para o melhor e por vezes para o pior, a todos os tipos de situação (cf. o famoso substrato "ibérico" do Português e do Castelhana, o substrato "céltico" do Francês, etc.). No domínio crioulo podemos citar Lucien Adam que também defendeu esta tese para explicar a formação dos crioulos da Guiana e da Reunião.

Quanto à *LBH*, as coisas são menos claras, nem que seja porque o próprio conceito de "programa" não existia antes do aparecimento da ciência informática nos anos 40 deste século. Cita-se muitas vezes o nome de Hugo Shuchardt, cujos *Kreolische Studien*, constituem o monumento da crioulistica do seu tempo. Mas Shuchardt, espírito rico, profundo e não conformista, tinha o defeito das suas qualidades: ausência frequente de clareza. Por isso se pode dizer que é muito difícil saber o que ele efectivamente pensava sobre a génese dos crioulos. Na realidade, se a teoria "biológica" tem um antepassado, ele será antes o *alter ego* lisboeta do mestre de Graz, Adolfo Coelho. É o que vamos tentar demonstrar.

Em primeiro lugar, e antes de mais, importa que nos entendamos. Procurar um antepassado de uma teoria moderna não apresenta em geral interesse algum do ponto de vista da teoria, excepto se o dito antepassado for de uma estatura tal que o facto de nos servirmos do seu nome se torna numa espécie de unção. Sugerir que Platão ou Descartes também já tinham pensado no que estamos a expor é, de algum modo, ancorarmo-nos na eternidade. Evidentemente, Adolfo Coelho não possui essa virtude. Por isso, a nossa achega é diferente, mais dirigida para o próprio Coelho do que para as ideias actuais das quais ele foi, em certa medida, o precursor.

Há, por um lado, uma empresa de memória, como se diz hoje, em que a preocupação de nada perder - sem dúvida porque se teme tudo perder - tende para a obsessão. Na história das ciências, impiedosa com os segundos papéis, qualquer autor que soube raciocinar certo a partir de dados falsos ou parcelares merece ser salvo do esquecimento. Lembremo-nos de Ptolemeu e da sua cosmologia quase desprovida de relação com a realidade tal como hoje a conhecemos. Porquê esquecer Adolfo Coelho cujas afirmações, devidamente traduzidas, têm alguma pertinência para um assunto, que embora menos impressionante

que o cosmos, não é de modo algum desprezível? Por outro lado, é interessante analisar o modo como concepções aparentadas, manifestando pelo menos modos de reflexão semelhantes, se exprimem em cada época nos esquemas mentais que o tempo põe à disposição do pensador. Borges diz algures que a história das ideias (pelo menos no Ocidente) se reduz a um diálogo infinito entre Platão e Aristóteles. É verdade que existe algo de aristotélico na teoria do substrato, assim como algo de platónico na teoria biológica. Mas os "Platões" e os "Aristóteles" do século XX não falam a linguagem dos seus arquétipos nem dos seus correspondentes dos séculos passados. Traduzir estas linguagens umas nas outras, assim como medir os limites dessa empresa, é certamente a tarefa mais fascinante da epistemologia histórica comparada.

O problema que se punha a Coelho, assim como aos outros crioulistas seus contemporâneos, era o de compreender o modo como os crioulos, manifestamente descendentes de línguas europeias tinham podido divergir tanto num espaço de tempo tão reduzido. (Porque é evidente que não é difícil conceber as diferenciações mais extremas se considerarmos vários milénios - pense-se no latim *versus* as línguas românicas - mas as coisas são diferentes quando o período da mudança só se estende sobre algumas dezenas de anos, como foi o caso da formação dos crioulos). A hipótese da interferência, do substrato, é a que, de modo mais imediato, nos vem ao espírito, tanto mais que ela estava bem presente no "campo intelectual" da época. Ora, quer tenha quer não tenha razão, e nisso faz prova de audácia, Coelho recusa esta hipótese sem ambiguidade.

Os dialectos românico-crioulos, indo-português e todas as formações semelhantes devem a origem à acção de leis psicológicas por toda a parte as mesmas e não à influência das línguas anteriores dos povos em que se acham estes dialectos.

Os factos acumulados por nós mostram à evidência que os caracteres essenciais desses dialectos são por toda a parte os mesmos, apesar das diferenças de raça, de clima, das distâncias geográficas e ainda dos tempos. É em vão que se buscará, por exemplo, no indo-português uma influência qualquer do tâmul ou do cingalês. No dialecto macaísta a formação do plural por duplicação do singular pode atribuir-se a uma influência chinesa, mas nesse processo é tão rudimentar que nenhuma conclusão podemos fundar sobre ele. (Coelho, 1880/1967:105-106).

É a invocação destas "leis psicológicas por toda a parte as mesmas", universais diríamos nós hoje (e é pena que Coelho não utilize o termo), que lhe permite traçar a fronteira entre mudança linguística "normal" (por exemplo, do Latim ao Português) e crioulistização:

A transformação da linguagem em virtude da alteração fonética é um fenómeno de base fisiológica, a formação dos dialectos crioulos é no que tem de essencial um fenómeno psicológico. (*ibid.*: 104).

Como se vê, Coelho é um bom neo-gramático. Porque as leis psicológicas de que nos fala não são mais que a analogia que, no dispositivo da gramática histórica comparada, permite explicar tudo o que não se enquadra na mudança fonética regular, e que Saussure (1982:226) define assim: "A analogia é de ordem psicológica... ela supõe a consciência de uma relação unindo as formas entre si". Processo mental, a analogia repousa sobre um princípio de generalização que tende a reduzir as diferenças formais entre unidades ligadas por uma relação semântica e/ou sintáctica. É deste modo que os possessivos da 2ª e da 3ª pessoa

do singular têm as formas *teu* e *seu*, apesar dos étimos latinos *tuus* e *suus*, por aproximação com a 1ª pessoa do singular do paradigma *meu*, regularmente derivada do latim *meus* (cf. Neto (1988:234); Castro *et al.*, (1991:217)). A regularização das formas irregulares efectuada pelas crianças é um outro exemplo bem conhecido. Mas como é que isso explica a formação dos crioulos? Coelho supõe a existência do caos, de uma Babel linguística original, de modo bastante idêntico ao que fará Bickerton um século mais tarde:

Ao ouvido do povo inferior chegam primeiro como ondas sonoras tumultuosas as palavras do povo superior, depois aquele percebe como que um ritmo, depois naquele oceano de palavras descobre alguns pontos firmes, salientes; fixa-se neles: são as formas mais gerais e frequentes da linguagem; elas bastam - a língua nova, o instrumento indispensável para o trato está forjado; enriquecê-lo, aproximando-o do tipo perfeito, é obra do tempo, se o houver, se as condições o permitirem. (*ibid.*: 104)

As imagens são claras e poéticas, e não necessitam de esclarecimentos. Apesar de tudo, o agarrar "pontos firmes" no "oceano das palavras" apresenta uma dificuldade. É verdade que os lexemas dos crioulos e das suas línguas fonte correspondem uns aos outros. Isto entende-se para palavras com um conteúdo concreto, tais como "árvore", "casa", "trabalhar", etc. Mas como é que os futuros falantes de crioulo fizeram para adivinhar, sem nunca se enganarem, que, por exemplo, as ondas sonoras [nɔʃ], [nu], [wi] significam "1ª pessoa do plural", e daí "no" na Guiné-Bissau, "nou" em Haiti e "wi" na Jamaica? Porque é que eles não escolheram outra coisa que aparece frequentemente antes de um verbo, e como é que eles distinguiram os nomes dos verbos no amálgama fonético que lhes feria os ouvidos? Para funcionar, a analogia, tal como a concebiam os neo-gramáticos, pressupõe o "conhecimento" das formas que lhe são submetidas.

Existe uma dificuldade, uma aporia até, que Coelho não vê. Ou antes, nem sequer a pode pensar, visto estar privado da noção, para nós tão evidente, de gramática mental (a gramática interiorizada de Chomsky) que concebemos erradamente, e sabêmo-lo, sobre o modelo de um programa de informática, à falta de melhor. De facto, temos aqui um caso exemplar de intuição correcta - uma vez que é verdade que podemos adquirir uma língua, ou alguma coisa de uma língua, de ouvido, sem ensino explícito - mas absurda no seu contexto intelectual, que não possui as noções (faculdade de linguagem, gramática universal) que permitem racionalizá-la, isto é dizer que se é possível adquirir "espontaneamente" uma língua que se desconhecía é porque já a conhecíamos na sua essência.

É interessante constatar que a versão moderna da intuição de Coelho, a LBH, se encontra, no fundo, face a uma dificuldade da mesma ordem. É verdade que a criança de Bickerton, melhor equipada do que o "povo inferior" de há um século, dispõe do seu "bioprograma" linguístico para pôr estrutura nas ondas sonoras que chegam ao seu ouvido. Mas então porque é que em vez de adquirir completamente a língua do "povo superior" ela a crioualiza? Porque só é confrontada com dados extremamente parciais, "degenerados"? Mas então como é que ela se reconhece neste léxico disforme? Não iremos mais além neste ponto que se afasta do nosso assunto.

O importante para nós é que Coelho, com os meios conceituais do seu tempo, tenha produzido o primeiro esboço de uma verdadeira teoria da formação das línguas crioulas. Teoria em que ele vê claramente duas articulações essenciais: (a) o paralelismo entre a crioulização e a aquisição natural da linguagem; (b) a simplificação global devida à supressão quase total dos processos morfológicos (isto é, a preferência dada à autonomização das categorias funcionais em vez da sua incorporação nas bases lexicais) que podemos supor (mas isso é discutível) não fazerem parte da "*core grammar*", que produz naturalmente o bioprograma. Coelho também compreende, ponto sobre o qual os adeptos modernos da LBH insistiram, que esta simplicidade não está destinada a durar: submetido, como qualquer língua, à mudança linguística, o crioulo vai evoluir no sentido da complexificação devida ao aparecimento de processos morfo(fono)lógicos:

"mas a riqueza não será muitas vezes mais do que anomalia, porque aquela forma primeira da linguagem, nascida de um trabalho todo espontâneo, era perfeitamente coerente." (*ibid.*:104-105)

Os poucos casos em que se pôde observar a evolução de um crioulo ao longo de várias dezenas de anos, como o Tok Pisin (pidgin e depois crioulo de base lexical inglesa falado na Papuásia-Nova Guiné), confirmam plenamente esta hipótese.

Os aspectos sociolinguísticos das concepções de Coelho também não deixam de ter interesse. Evidentemente, termos como "*povo inferior*" (leia-se "*não branco*") e "*povo superior*" (leia-se "*branco*") pertencem a um racismo ingénuo de uma época bem confortada nas suas certezas. Não podemos censurar Coelho por ter pertencido ao seu tempo. Mas não deixa de ser verdade que os crioulos se formam sempre num contexto de dominação de um povo por outro, e que durante muito tempo (ainda hoje) são estigmatizados. Também é verdadeira a afirmação segundo a qual os falantes de crioulo "*não quer[em] saber mais nada*" da língua dos seus dominadores, de tal modo que estes últimos são muitas vezes forçados a aprender a forma modificada da sua própria língua. É como se houvesse aqui um "*bloqueio*", no sentido psicológico do termo, que Coelho não tenta analisar (mas teria tido a possibilidade de o fazer?), que convém relativizar, apesar de tudo, visto que, como se sabe, muitos crioulos acabam por ser mais ou menos reabsorvidos pela língua fonte no fim de um processo dito de "*descruioulização*", de que talvez ainda não houvesse exemplos na época de Coelho.

Eis-nos perante uma teoria *coerente* (quer ela seja verdadeira quer não, não nos interessa agora): os crioulos formam-se por acção da analogia, operação mental generalizante, aplicada às regularidades que os futuros falantes de crioulo, colocados socialmente em posição de inferioridade, conseguem extrair do fluxo de palavras, no princípio incompreensível, que lhes chega ao ouvido, vindo de locutores socialmente dominantes. Este processo reduplica a aquisição natural de uma língua na infância - mas Coelho não levanta o problema de saber quem, adultos ou crianças, desempenha um papel decisivo. Uma vez formado, o crioulo autonomiza-se, os seus locutores não têm consciência da sua ligação à língua fonte ("*não quere[m] saber mais nada*"). Considerando o modo da sua formação, a sua gramática é relativamente óptima, liberta de toda a complexidade

morfológica. Mas as coisas não ficam por aqui, porque o crioulo evolui e sempre no sentido da complexificação.

Uma tal coerência merece ser realçada porque é rara, senão única, entre os linguistas do século XIX que condescenderam em interessar-se pelos crioulos. Resta uma última articulação para que ela seja completa: porque é que os "inferiores" desempenharam o papel activo? Porque é que eles crioulizaram, em vez de se esforçarem por aprender, bem ou mal, a língua dos mestres? A resposta de Coelho é sensata, ainda que aparentemente inaceitável para nós: o povo "inferior pela raça, pelo estado de civilização" é ao mesmo tempo "mais forte de instintos, mais rico de espontaneidade". Por outras palavras, é a força vital do "selvagem", superior à do "civilizado", que o leva a apropriar-se da língua deste último e não a conformar-se com ela - como se a conquista simbólica compensasse ou tornasse mais suportável a submissão material. Quem pode dizer que não estamos perante uma ideia interessante, uma vez desembaraçada dos seus ouropéis românticos e racistas? Vale a pena explorar esta ideia, porque, na realidade, não sabemos hoje mais do que Coelho.

Com as linhas que precedem não pretendemos nem a reabilitação, de que Adolfo Coelho não precisa, nem a busca de um mestre, de que não precisamos, mas simplesmente mostrar que, num domínio tão complexo como o da formação das línguas crioulas, o primeiro linguista português, para além dos méritos que conquistou noutros campos, soube produzir uma teoria coerente, susceptível de ser discutida nos nossos dias, uma vez transposta na nossa algaravia contemporânea. Para terminar, devemos reconhecer que é indiscutível que o nome de Adolfo Coelho pertence à História, isto é, à única vida depois da morte de que não se pode duvidar.

NOTAS

¹ Leite de Vasconcelos dedicou a Coelho *O Dialecto Mirandês* (1882) e as *Tradições Populares de Portugal* (1882).

² Segundo Boléo (1947:657), "Faltou a Adolfo Coelho o seu «Burnouf» e, por isso, a sua educação intelectual teve de ser «feita ao acaso», como ele confessa em *A Questão do Ensino*". Burnouf tinha sido o professor de sânscrito de Max Müller, que por ele nutria uma grande admiração.

³ A título de curiosidade recorde-se que também se chamava Coelho, e Francisco, o autor da primeira referência conhecida à palavra *crioulo*. Francisco de Lemos Coelho. 1684. "Discripção da Costa da Guiné e situação de todos os portos e rios della, e roteyro para se poderem Navegar todos seus rios", in Damião Peres (org.). 1953. *Duas descrições seiscentistas da Guiné*. Lisboa. Academia Portuguesa de História.

⁴ "Adolfo Coelho foi ao encontro da argumentação que duvidava da necessidade ou vantagem de se estudarem línguas de povos cujas raças se tinham por inferiores e destinadas a desaparecerem, se se desse, seria lenta, e, «para tornar absorvidas pelas consideradas superiores. Tal assimilação, se se desse, seria lenta, e, «para tornar praticável era mistér, não a ignorância, mas o conhecimento das línguas». Todas as indicações científicas se produziam no sentido de prever que o português viria a substituí-las, mas devia obter-se o processo de encurtamento do tempo que a substituição levaria. Não era preciso estudar todas as línguas dos povos com que estávamos em contacto, mas entre elas distinguiam-se «algumas altamente importantes». Indicou quais eram, classificou-as, e afirmou que sobre essas princi-

pais bastaria fazer incidir as atenções estudiosas". Conferência de Vítor Braga Paixão na Sociedade de Geografia. RFLUL XV:1,95.

BIBLIOGRAFIA

- ADAM, Lucien, 1883. *Les idiomes négro-aryen et maléo-aryen. Essai d'hybridologie linguistique*. Paris, Maisonneuve.
- BICKERTON, Derek. 1984. "The Language bioprogram hypothesis", *Behavioral and Brain Sciences* 7:(2):173-221.
- BOLÉO, Manuel de Paiva.,1947. "Adolfo Coelho e a filologia portuguesa e alemã no século XIX", *Biblos XXIII:(3):607-691*.
- CASTRO, Ivo (org). 1991. *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa. Universidade Aberta.
- COELHO, Adolfo. 1880. "Os dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América", *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 2ª série, 3:129-196. Reimpresso em J. Morais Barbosa, 1967, *Estudos Linguísticos crioulos*. Lisboa, Academia Internacional de Cultura Portuguesa.
- COELHO, Adolfo. 1881. *A Língua Portuguesa*. Magalhães e Moniz. Porto.
- CORREIA, João da Silva. 1933. "Adolfo Coelho", *Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa I:1-2:1-10*
- KIHM, Alain. 1984. "Les difficiles débuts des études créoles en France (1870-1920)", *Langue Française* 63:42-56.
- KIHM, Alain e ANDRADE, Ernesto d'. 1992. "Porquê de um colóquio sobre crioulos de base lexical portuguesa", Andrade e Kihm (orgs.), *Actas do Colóquio sobre crioulos de base lexical portuguesa*. (pp. 191-200) Lisboa. Colibri.
- LEFEBVRE, Claire. 1986. "Relexification in creole genesis revisited: The case of Haitian creole", Muysken e Smith (orgs.), *Substrata vs. Universals in Creole Genesis* (pp.279-300). Amsterdão. Benjamins
- NEMÉSIO, Vitorino. 1948. "Perfil de Adolfo Coelho", *Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa XV:1:23-46*
- NETO, S. da Silva. 1988. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro. Presença
- PAXECO, Elza. 1948. "Da glottica em Portugal", *Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa XV:1:72-79*
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1982. *Curso de Linguística Geral*. Publicações D. Quixote. Lisboa.
- SCHUCHARDT, Hugo. 1893-91. "Kreolischen Studien 1-9. *Sitzungsberichte des KK-Akademie der Wissenschaft zu Wien (Philosophische-Historische Klasse)*
- SILVA, António Carvalho da. 1994. *F. Adolfo Coelho e a Gramática Portuguesa*. Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica. Funchal. Universidade da Madeira.
- VELOSO, Queiroz. 1948. "Adolfo Coelho", *Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa XV:1:11-22*.